



## O PERCURSO DA HISTÓRIA DAS SENSIBILIDADES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3476

Marcia Regina de Oliveira Lupion, UEM

### Resumo

Desde o final dos anos 1990 os estudos históricos passaram a abordar de forma específica e fundamentada pesquisas marcadas pela imaterialidade de seus objetos. Para iniciar um estudo sobre a religiosidade católica maringaense optei pelo aporte teórico pertinente ao campo da História das Sensibilidades cujo ponto inicial pode ser considerando a data acima descrita. Nessa apresentação pretendo discorrer acerca do histórico dessa teoria a partir do livro organizado por Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langue intitulado *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais* e do livro de Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente de título *História e sensibilidade*, de 2007 e 2006 respectivamente

Palavras Chave:  
História das  
Sensibilidades

Desde o final dos anos 1990 os estudos históricos passaram a abordar de forma específica e fundamentada pesquisas marcadas pela imaterialidade de seus objetos. Não resta dúvida de que tais objetos e suas possibilidades de análise historiográfica são fruto da ampliação do fazer histórico iniciada em 1929 na França e que trouxe consigo uma revolução também no conceito de fontes históricas. No percurso de aproximadamente oitenta anos que nos separa dos *Annales* e sua guinada na produção dos historiadores, vimos essa produção sofrer alterações paulatinas, quase tímidas desde que a *École* publicou trabalhos voltados para temas como a sociedade, economia e demografia, passando por uma geração – brevíssima diga-se de passagem – de historiadores das mentalidades até chegarmos aos dias atuais quando temos na dimensão cultural o espaço mais amplo de possibilidade abordagem do tecido que forma a sociedade.

É certo lembrar que o ambiente cultural é somente um dentre outras possibilidades de estudos possíveis atualmente. Essas possibilidades, contudo, estão intrinsicamente ligadas a mudanças nos conceitos decorrentes daquela guinada de 1929 quando, por exemplo, o conceito de política passou a expressar menos a participação institucionalizada de um indivíduo que a vinculação em lutas diversas de pessoas consideradas comuns pela historiografia tradicional em situações de interesses coletivos. Essa consideração acerca de pessoas comuns como sujeitos históricos é outro resultado decorrente do percurso historiográfico iniciado em 1929 e de relevância extrema para que estudos voltados para a cultura possam ser realizados uma vez que as ações humanas passam a ser a tônica da compreensão da relação entre as estruturas de poder estabelecido e os indivíduos ou coletividades. Relação que nem sempre registrou o sucesso dos segundos sobre os primeiros, mas, que demonstra as tentativas, estratégias e ações destes para ao menos negociar com o poder

estabelecido seja ele político-institucional, cultural, religioso ou os micros poderes ricamente inseridos por Michel Foucault em abordagens sobre a sociedade.

A vertente historiográfica conhecida como História Cultural cujos primeiros indícios datam de 1780 na Alemanha segundo Peter Burke (2008), tornou-se em fins do século XX uma senhora madura e dona de seu próprio estatuto historiográfico. Traçou sua metodologia, seus aportes teóricos e deixou em aberto seus objetos de pesquisa de tal forma que é quase impossível algum tema ou objeto que não possa ser abordado sob seu manto. Estudar a sedução, a solidão, a saudade, a identidade, o medo, o amor, a dor, a culpa, a cultura, a dança, o ritual, as vestimentas, as instituições, um “até então desconhecido” e sua biografia, o trabalho, as religiões e as religiosidades, os discursos de viajantes, a esperança, enfim o que é material e imaterial e que diz respeito ao ser humano, tudo é passível de ser inserido na abordagem cultural e efetivamente tem sido caso haja o desejo de fazer um levantamento historiográfico sobre.

Generosa, a grande Senhora se desdobrou para atender aos diversos aspectos de sua realidade múltipla. História das mulheres, história de gênero, história das crianças, das crenças, dos ritos, do cotidiano, do homem, do corpo, história dos sentimentos. Temas e objetos significativos, relevantes e includentes. Particularmente interessa discutir aqui o último tema/objeto citado que é a História dos sentimentos, também conhecida por História das Sensibilidades. Nada mais insólito que as emoções de um indivíduo ou, o que é ainda mais difícil de compreender, de uma coletividade. Mas é isso que a História Cultural faz: abordar os temas e objetos que em princípio não parecem ser da ordem dos historiadores e sim de terapeutas e psicólogos, mas, que após pesquisados, mostram-se plenamente capazes de explicar determinados aspectos da sociedade.

No caso da História das Sensibilidades o que se tem é justamente a possibilidade de abordar algo para além do materialmente palpável, algo inserido na ordem das subjetividades. Buscar compreender os motivos pelos quais determinadas ações foram praticadas e seus resultados individuais ou coletivos é uma das motivações que tal abordagem carrega consigo. E, dada essa característica, a História que tem nas emoções seu foco principal tornou-se, a meu ver, o melhor veículo para compreender alguns fatos relativos à religiosidade católica praticada na cidade Maringá, Estado do Paraná, entre os anos de 1969 e 2000. Datas que coincidem com a presença do Padre Bernardo Alfonse Cnudde no município e cuja prática sacerdotal bastante peculiar mostrou-se interessante do ponto de vista de uma pesquisa acadêmica.

A escolha por uma biografia específica, no caso a do Padre Bernardo, tem sua razão de ser marcada por dois pontos. O primeiro está ligado ao fato de conhecer a trajetória do Padre e sua prática e o segundo ponto é marcado pelo desejo de inserir na memória sobre o catolicismo maringaense traços de uma religiosidade que vai além do elemento empreendedor sobre o qual se costuma assentar essa memória e que tem no falecido bispo Dom Jaime Luiz Coelho seu referencial maior. Afinal, a Arquidiocese de Maringá conta hoje com oito regiões pastorais distribuídas pelos municípios de Sarandi com 7 paróquias; Paranacity com 5 paróquias; Jandaia do Sul com dez paróquias; Castelo Branco com 5 paróquias e Maringá com o número de trinta paróquias pertencentes a cinco das oito regiões paroquiais (ARQUIDIOCESE, 2017) e certamente sua história é bem mais extensa que a descrita pelo caráter empreendedor daquele que é visto como seu maior representante. Importante registrar que em 2017, de acordo com já citado site da Arquidiocese de Maringá, 14 mil pessoas estiveram presentes na arena de eventos

do Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro em comemoração aos 60 anos da Arquidiocese e, além desses dados, temos ainda que entre padres, bispos e diáconos que por aqui estiveram ou que por aqui faleceram a soma é de 68 religiosos sendo 15 falecidos dentre o arcebispo D. Jaime. Interessante notar que o padre Bernardo não consta na lista dos padres falecidos fato que foi por mim interrogado junto à Cúria Metropolitana que, apesar de ter lido a mensagem, não a respondeu. Ou seja, há muito sobre a história da igreja católica em Maringá e região que pode ser escrito afinal, cada uma dessas paróquias é um microcosmos composto por biografias diversas não só relativas ao corpo institucionalizado, mas dos fiéis e sua experiência com o divino.

Nessa apresentação em especial o foco será em discorrer acerca da produção historiográfica marcada pela História das Sensibilidades uma vez que será com base nessa tendência que a pesquisa em Maringá será realizada. Duas das obras sobre as quais pretendo assentar minha discussão sobre a trajetória e a teorização da História das Sensibilidades são o livro organizado por Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langue intitulado *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais* e do livro de Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente de título *História e sensibilidade*, de 2007 e 2006 respectivamente.

Sobre os fundamentos da História das Sensibilidades podemos encontrá-los inscritos juntamente com a História Cultural, não só a praticada a partir dos anos 1990, mas anteriormente a isso. Uma produção que passou por diversas alterações conceituais e metodológicas além de contar com reforços em sua teoria até a atualidade. Um desses reforços foi exatamente estabelecer um campo de estudo específico para a história das emoções e dos sentimentos algo já introduzido com a história das mentalidades nos anos 1960 e,

que sob severas críticas, acabou por não florescer. Esse campo passou ser conhecido então como História das Sensibilidades, cuja compreensão do conceito e teorização podem ser dados pela citação abaixo retirada do artigo já citado de Sandra Pesavento:

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade (PESAVENTO; LANGUE, 2007, p. 10)

Será, pois, diante desse desafio que a pesquisa com a religiosidade católica maringaense dentre os anos 1970 e 2000 se desdobrará. Sobre o imensurável, sobre o não visível, mas cuja visibilidade pretendo captar nas fontes sobre o tema já conhecidas e ou que ainda venham a ser.

Cabe aqui então, delimitar também o espaço de trabalho do historiador das sensibilidades. Mariana Ertzogue e Temis Parente são breves e pontuais em demonstrar esses limites ou talvez sua ausência:

O que é um historiador das sensibilidades? Para Alain Corbin, o historiador das sensibilidades toma como ponto de partida a maneira como as pessoas se representam, em distintos momentos da história, cabendo-lhe interpretar a coerência, as conexões dessas representações em seu universo (ERTZOGUE; PARENTE, 2006, p. 17).

Posto isso, tratemos de analisar

as obras que já discutem a questão das sensibilidades.

### Obras e autoras

O livro organizado por Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langue no ano de 2017 e intitulado *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais* foi publicado em Porto Alegre pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estado cuja história foi amplamente abordada por Pesavento em seus trabalhos. Ao todo o livro é composto por doze artigos, ou capítulos e uma entrevista. Os artigos presentes na obra são de países caribenhos e latino-americanos como Venezuela, México, Paraguai, Chile, Panamá e um deles é norte-americano. Não há artigos brasileiros na coletânea e a obra é bilíngue português e espanhol.

Os temas abordados são a desordem, a transgressão, os rumores ou boatos, memórias de guerra, injúria, aparência, discussão e maldição. Os dois capítulos iniciais trazem a teoria sobre a qual se erigem as pesquisas em sensibilidades na História. O primeiro deles, brevíssimo e mais uma apresentação que um capítulo em verdade, é do historiador e crítico francês Serge Gruzinski enquanto Sandra Jatahy Pesavento apresenta o capítulo seguinte intitulado “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. Já Frédérique Langue, também organizadora da coletânea, expõe a temática a partir da pesquisa realizada na Venezuela cujo título é “Una historia silenciada (Venezuela). Desorden, transgression y rumores bolivarianos del siglo XVIII”.

Interessante nos determos na biografia das duas últimas pesquisadoras em especial tendo em vista não somente que são elas as coordenadoras da coletânea, mas também pelo fato de que, enquanto uma escreve sobre a teoria da História das Sensibilidades, a outra demonstra sua aplicação na prática. Começemos por Sandra Pesavento.

Nascida em Porto Alegre no ano de 1946 e morta em 2009, Sandra Pesavento foi professora, historiadora e escritora brasileira. Professora titular do Departamento de História da UFRGS, destacou-se como importante pesquisadora, inicialmente, em História Econômica e, posteriormente, em História Cultural. Doutorou-se em História pela USP em 1987 e realizou quatro pós-doutoramentos em Paris: na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (1990 e 1996-7), na Université Paris Diderot Paris VII (1992-3) e na Université de Paris IV (Paris-Sorbonne, 1995-6). Sua vasta produção pode ser comprovada pelo fato de ter 126 artigos e 51 livros publicados além de 85 capítulos de livros e 35 textos em jornais e revistas. Publicou 22 trabalhos em eventos e anais, apresentou 95 trabalhos em eventos. Entre livros didáticos, textos disponíveis na internet, prefácios, apresentações etc, somam-se 44 trabalhos. Além disso, foi banca de inúmeras defesas de teses e dissertações, participou de comissões de avaliação da Capes dentre outras inúmeras atividades dessa grande pesquisadora. Desde o final de 2014, por iniciativa dos filhos e esposo da historiadora gaúcha, suas obras foram digitalizadas integralmente e disponibilizadas gratuitamente no sítio oficial do Instituto Histórico Geográfico, que atualmente também preserva seu acervo intelectual no qual constam sua biblioteca pessoal e materiais de mais de 40 anos de trabalho. Tendo iniciado sua carreira como historiadora marxista Pesavento se destaca na atualidade por seus trabalhos em História Cultural, tendo recebido inclusive homenagens da ANPUH por sua produção<sup>1</sup>.

Frédérique Langue é diretora de pesquisa do Instituto de História do Tempo Presente que é uma unidade do Centro Nacional de pesquisas de Paris, França (IHTP-CNRS) e, além dos temas sensibilidades a pesquisadora é especialista em história social, cultural e política da Venezuela (séculos XVII-XXI), onde foi professora universitária. Seu trabalho está atualmente na história do tempo atual no mundo ibérico. E, além da obra aqui citada, é autora diversas outras obras cuja temática são os estudos voltados para a História da Venezuela desde a Conquista até o presente e também sua relação com a Espanha (IHTP, 2017).

Em “História e Sensibilidade” editada no ano de 2006 pela editora brasileira Paralelo, Mariana Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente organizam um conjunto de 22 textos voltados para o estudo das sensibilidades. Mariana Ertzogue é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre em História pela mesma universidade. Tem doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo e atualmente é professora Associada nessa instituição. Além de lecionar em diversos cursos e na pós-graduação, Mariana Ertzogue tem experiência na área de História, com ênfase em Métodos da História e História Cultural com ênfase nos temas: gênero, cultura e ambiente, memória, história das sensibilidades, imprensa literária.

Já Temis Gomes Parente<sup>2</sup> possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí e mestrado e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professora associada III da Universidade Federal do Tocantins dentre outras atribuições. Sua

<sup>1</sup> Os dados aqui inseridos foram retirados dos acervos presentes nos sites SANDRA PESAVENTO. Disponível em <<http://sandrapesavento.org/biografia.php>> Acesso 06 set. 2017;

ACERVO DE SANDRA JATAHY PESAVENTO. Disponível em <<http://ihgrgs.org.br/#SandraPesavento>> Acesso 06 set. 2017.

<sup>2</sup> Os dados curriculares de Temis Gomes Parente e Mariana H. Ertzogue foram acessados junto ao Lattes de ambas as pesquisadoras.

área de atuação está vinculada a História do Tocantins; História Regional; História e Gênero; História das Mulheres. História Cultural. Gênero e Meio Ambiente.

Na obra organizada pelas historiadoras citadas, temos uma divisão em três partes sendo que a obra é introduzida também por três textos intitulados Prefácio escrito por Alan Barbiero, a Apresentação escrita pelas próprias organizadoras e a Introdução cujo subtítulo é “o sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França” da já citada pesquisadora francesa Frédérique Langue. Nesses textos introdutórios, mais uma vez temos, além dos dados naturais a qualquer Prefácio e Apresentação de qualquer obra, a retomada dos aportes teóricos e obras significativas para o universo das mentalidades. Ao final dessa primeira parte, o artigo de Frédérique Langue traça o perfil da História das Sensibilidades a partir de obras e autores franceses e um dos subtítulos de seu artigo explicita de forma clara e objetiva o que vem a ser historicidade dos temas e objetos analisados sob a ótica da história do sensível. Diz o subtítulo: ‘A história das sensibilidades como câmera subjetiva contra a cegueira da história’. Tudo muito simples. A produção historiográfica produzida para além do sensível por muito tempo deixou ao abandono a responsabilidade de acolher as emoções humanas cabendo agora, às sensibilidades, fazer esse acolhimento.

É assim, com base nessa responsabilidade, que nas três partes seguintes, diversos pesquisadores publicaram na coletânea seus trabalhos de pesquisa. É importante no entanto, perceber que cada um dos grupos de textos apresentados faz parte de uma temática específica com objetos específicos. Recolhidos sob os temas Fragmentos; As novas personagens e Fundadores da identidade, a divisão proposta no livro demonstra quão amplos e diversos podem ser os estudos

subjetivos. E, ao contrário da obra de Pesavento e Langue, todos os dezenove artigos que compõem a coletânea versam sobre o Brasil.

Nas tabelas que seguem podemos visualizar cada um desses artigos e as especificidades da abordagem que levaram a inclusão de cada um em uma das três partes da coletânea.

Tabela 1: Primeira Parte “Fragmentos”

Título do artigo	Subtítulo	Autor(a)
As seduções do efêmero e a construção da história:	As múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo.	Antonio Paulo Rezende
Notas sobre o “cotidiano e vida privada na América portuguesa”		Marcos Silva
Ciência, história e memória:	Questões metodológicas	Antonio Torres Montenegro
As sombras do tempo:	A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história.	Durval Muniz de Albuquerque e Júnior

Tabela 2: Segunda Parte “As novas personagens”

Título do artigo	Subtítulo	Autor(a)
Identidade fragmentada:	Dilemas de um cristão-novo no Recife holandês.	Ronaldo Vainfas
Na contramão da vida:	Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus (Antônio Rasgado,	Sandra Jatahy Pesavento

	Benjamim o Degolador, João Foguista).	
Autobiografia, confissão, medo e testemunho:	Reflexões sobre uma voz dos cárceres brasileiros.	Mário Seligmann-Silva
Vivos ou mortos, nós chegaremos:	Uma história sobre a esperança de imigrantes italianos, judeus e poloneses no Rio Grande do Sul.	Isabel Rosa Gritti.
Cartografia da sensibilidade:	A arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII).	Elaine Cristina Deckmann Fleck.
Lembranças, ressentimentos e história		Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.
Os sentimentos do feminismo.		Joana Maria Pedro.
No desenho dos mundos plurais, o mosaico de vidas singulares.		Maria do Socorro de Souza Araújo.
Sentimentos e ressentimentos de Eva, uma mulher de vida livre.		Temis Gomes Parente.
Sobre manchas de vinho, perfumes e bocas pintadas:	A vida noturna nos botequins de Porto Alegre.	Mariana Haizenreder Ertzogue.
De que vale este hábito de	Os heróis que o	Marcelo Santos

Cristo:	Império esqueceu.	Rodrigues.
Vozes do medo:	O negro e a sociedade no pós-Abolição e a República.	Eduardo Silva.

Tabela 3: Terceira Parte “Fundadores de identidade”

Título do artigo	Subtítulo	Autor(a)
Afeições euclidianas:	A aura antes do cânone (1883-1902)	Élio Chaves Flores.
O sertanejo:	Um pedaço de Brasil na sensibilidade de Alencar.	Márcia Regina Capelari Naxara.
“Âncora de emoções”:	Poética e música em Dolores Duran.	Maria Izilda S. Matos.

Para finalizar, dos muitos pontos passíveis de análise presentes nas tabelas, focarei em apenas um deles que são os objetos de estudos. Saudade, afeições, saudade, medo, vida noturna, esperança são apenas alguns deles mas de significância extrema para explicitar o campo das sensibilidades. Assim como os rumores ou boatos, a transgressão, injúria e as maldições estudadas na obra organizada por Pesavento e Langue, a coletânea de História e sensibilidades pretende retratar, citando aqui Alan Barbiero na apresentação da obra, “um grande afresco cubista, com múltiplos pontos de fuga, a retratar novas personagens que revelam uma história nem sempre feliz, mas em todo o tempo bela” (BARBEIRO, 2006, p. 16).

## Referências

ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Disponível em <<http://arquidiocesedemaringa.org.br>> Acesso 05 set. 2017.

BARBEIRO, Alan. Prefácio. In: ERTZOGUE, M. H.; PARENTE, T. G. **História e**

**sensibilidade.** Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 11-16.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ERTZOGUE, Mariana Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade.** Brasília: Paralelo 15, 2006.

INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENTS. Frédérique Langue. Disponível em <<http://www.ihtp.cnrs.fr/users/frederique-langue>> Acesso 06 set. 2017.

SANDRA PESAVENTO. Disponível em <<http://sandrapesavento.org/biografia.php>> Acesso 06 set. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatay; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

ACERVO DE SANDRA JATAHY PESAVENTO. Disponível em <<http://ihgrgs.org.br/#SandraPesavento>> Acesso 06 set. 2017.